

A CRISE EUROPEIA

(Continuação da pág. 5)

As forças que geram este movimento são forças biológicas desconhecidas, mas que se manifestam blocamente nos seus efeitos.

A primeira destas forças que os factos põem em relevo é o cruzamento étnico que inicia os complexos, fenómeno hoje bem estabelecido.

Por muito importantes que sejam os factores económicos e materiais, é fácil de ver que os factores biológicos dominam tudo. Basta comparar os povos que já saíram do estado primitivo com aqueles que, a partir de um dado momento, iniciam uma civilização. Nenhuma diferença existe entre estes estados iniciais, a não ser a biológica; e, conjugada com esta diferença, a fusão étnica. O fenómeno apresenta-se com o aspecto de uma verdadeira fecundação. Começa com êle a fase construtiva de um povo, e o seu poder criador, dinâmico, expansivo e constructor, de que, precisamente, os fenómenos objectivos de cada civilização são as exponenciais.

Insistamos sobre este ponto: por importantes que sejam os factores, económicos, geográficos, etc. eles são absolutamente impotentes para explicar a razão porque, dados dois aglomerados primitivos, um permanece, na África ou na Austrália, sempre no estado primitivo, enquanto outro, na Egêa, na Caldêa ou na China, se diferencia, se desenvolve, e constrói uma civilização. Este facto basta para nos mostrar que os factores biológicos são fundamentais da génese dos complexos históricos; os cruzamentos étnicos que a história verifica no início desses complexos confirmam este facto.

Os factores económicos parecem exercer sobre a mecânica do complexo uma acção tanto mais importante quanto maior é a diferenciação deste: no início eles parecem totalmente subordinados à predominância dos factores biológicos. Significa isto que a influencia dos factores sobre o complexo tem de ser estudada em função da curva deste, e não por uma forma geral.

A constituição do complexo foi já tratado num esboço no pequeno ensaio do autor intitulado «Indivíduo e Colectividade», para o qual enviamos o leitor.

Aos elementos a estudados devemos juntar aqueles que o autor, baseando-se nos trabalhos modernos da Psico-Somática, chama as **Classes Biológicas**, isto é, os agrupamentos em massa dos ciclotímicos e esquizotímicos, ciclóides e esquizóides, cuja acção mecanoide na evolução dos complexos me parece evidente.

Entre todos estes factores convém recordar aquele que, sugerido pela cultura dos tecidos, nos mostra o **ELEMENTO GERANDO O TODO, E O TODO ORIENTANDO O ELEMENTO**: facto capital, extremamente rico em elucidações.

Diferenciação, desdiferenciação; factores subjectivos e inter-subjectivos; evolução inter-subjectiva dos elementos subjectivos objectivados; cristalizações simbólicas destes elementos; sua aglomeração e petrificação no complexo; pressão exercida sobre êle; reacção das forças vitais contra esta pressão; limitação automática do desenvolvimento e expansão do complexo; decadência energética, corrupção, infiltração, decomposição, tais são, entre outros, os elementos mecanoídes que condicionam a vida do complexo histórico.

Mas cada complexo, como dissemos, não se desenvolve isolado no espaço e no tempo. Entre ele e os complexos exteriores, estabelecem-se inter-acções mútuas, interferências complexas que ora o comprimmem e exercem nele pressões e infiltrações, ora pelo contrário, são por ele influenciados; ou então, estas acções compensam-se, o que reveste a forma exterior de um equilíbrio. Este mecanismo varia ainda conforme os estados relativos dos complexos, que se influenciam em estados diferentes das suas respectivas curvas; além disso o número dos complexos que se influenciam pode ser mais ou menos importante, o que tudo concorre para determinar variados aspectos históricos.

No meio deste fluxo e refluxo de movimentos, e de forças em acção, há porém, um certo número de linhas directrizes que se destacam na confusão dos factos; em certos pontos estas linhas são mais nítidas, em outros mais confusas. A grande corrente histórica formada pela cadeia:—Egêa —» Grécia —» Roma —» Europa é particularmente evidente; a série

Assíria —» Caldêa —» Persia

Hititas Kassitas

Egito

é mais cahótica, mas ainda vizível no conjunto. A linha continua da constituição da civilização chinesa, é bem individualizada. Mas a Índia, por circunstâncias, especiais bem conhecidas, entre as quais avulta a falta de uma evolução marcada, e de uma diferenciação nítida, é um fenómeno histórico um tanto à parte. Não o podemos discutir aqui, mas convém assinalar o facto.

ventor dos mais destrambelhados, desconexos e ilógicos neologismos, «*torricleriquesamente*» falando em «*marselhesas*» de pasmo pelos agravos que, impunemente, tem feito à lingua de Vieira e outros que tais.

Se, como ficou demonstrado exuberantemente, V. Ex.^a falhou em tudo, por que bulas nos aparece penduricalhado pelos serviços prestados à França e à civilização latina?

Por exclusão de partes, se não foi pelos seus falhados serviços de crítico, sou forçado a concluir que teria sido pelo seu difícil trabalho de assistir, a todos os banquetes, tarefa a que dedica, como é notório, uma boa parte da sua utilíssima existência.

Será por isto? Talvez.

Mas, em caso afirmativo, julgo que, em consciência, não pode nem deve aceitar o penduricalho, a tal medalha de bronze, com a falsa alegação dos serviços prestados à civilização latina, pois é sabido que, só pelo comer, pode-se servir o estômago, mas nunca qualquer civilização.

Repito, pois: quem foi o penduricalhado? o jornalista? ou estômago do dito? O crítico enciclopédico, êsse, com certeza, é que não o foi.

Com a mais distinguida desconsideração, creia V. Ex.^a no seu ex-leitor,

EDUARDO BRAGA.

REGRESSO

Não tenhas medo, Amor! Sou eu, acalma!
Como um fantasma lívido de assombros,
Sou eu que surjo assim dentre os escombros
Da minha triste e complicada Alma!

E venho das distâncias do meu Ser,
Fugindo de mim mesmo horrorizado,
Depois de andar, sózinho, a percorrer
As alamêdas êrmas do Passado!

Sou eu! Sou eu! Não tenhas medo, Amor!
Sou eu que chego a soluçar de Dor!
Não tenhas medo, meu Amor, descança!

Deixa-me estar assim á tua beira!...
Viver assim, Amor, a vida inteira,
Como se fôra uma outra vez criança!...

VINHA DOS SANTOS